

Eu Não Pago Essa Viagem

DR. JONATHAN MILLER

PARECE QUE há sempre alguém com uma receita que leva direto ao paraíso: álcool, gás hilariante, cola de aeromodelismo, sementes de ipoméia, entorpecentes. Mas para mim sempre estiveram fechados os caminhos químicos da euforia. O álcool me dá azia, e não me atrevo a tentar um dos agentes mais fortes. Sei que transtornariam minha mente para sempre ou me lançariam numa eternidade de vômitos. Devem existir milhares de pessoas como eu, farmacologicamente desprivilegiadas, que jamais conhecerão as delícias psicodélicas da química—mas todos nós desejamos uma fatia do bôlo transcendental, êsses momentos perturbadores e belos de intensa sensibilidade de que tanto ouvimos falar. Que esperança há para nós?

Não temos
necessidade de
drogas para
aguzar nossa
sensibilidade
—basta um pouco
de atenção
disciplinada

Para começar, direi que não estou exatamente interessado em alucinações. Nem desejo ver as cores mais brilhantes do que eu já vejo. Com efeito, posso passar sem qualquer dêsses espetáculos ópticos. A julgar pelas descrições, êsses espetáculos retínicos são tão brilhantemente monótonos como a Op Art.

O que realmente desejo é simplesmente uma sensação mais viva de quanto é estranho o simples fato de existir. Por isto, insisto em preservar o pleno poder de minhas faculdades críticas e intelectuais. Metade do prazer de qualquer experiência nova reside em podermos descrevê-la e ampliá-la em palavras. Mas na maioria os relatos trazidos de viagens entorpecentes são de uma mediocridade flagrante. São afirmativos sem

Condensado de "Vogue"

serem descritivos, e eu não me interesso por um tipo de experiência que resvala no fundo da mente, sem deixar mais que uma vaga sensação de convicção.

Fala-se em sucedâneos satisfatórios para as drogas. Êstes geralmente tomam a forma de violentos assaltos aos sentidos: luzes ofuscantes ou ruídos insuportáveis. Isso também não me serve. Desagrada-me a idéia de ser forçado pela violência a uma sensibilidade mais intensa. De qualquer forma, êsse tipo de espetáculo simplesmente me deixa num estado de apática idiotia.

Isso nos deixa apenas um caminho eficaz para o paraíso: trabalho árduo. Não trabalho árduo comum, mas do tipo que exige experiência cotidiana e, dando-lhe cuidadosa atenção e polindo-lhe os pontos embaciados, faz ressaltar tudo com uma luminosidade sobrenatural. Como diz G. K. Chesterton, só depois de vermos algo pela milésima vez é que súbitamente podemos tornar a vê-lo pela primeira vez.

O hábito torna tudo à nossa volta mais ou menos invisível, fechando-nos assim uma porta sôbre o que o mundo tem para nos oferecer. A maior parte do tempo é justamente assim que deve ser, para extrairmos o máximo rendimento das poucas coisas em que *podemos* concentrar a mente. Jamais seríamos capazes de suportar a vida se tivéssemos de dar

nossa atenção a tudo o que nos impressiona os sentidos, se tivéssemos de atentar para o roçar da roupa nas nossas costas ou para cada um dos milhões de sons que ouvimos.

Mas, de vez em quando, o isolamento mental se rompe e o mundo jorra súbitamente sôbre nós, engolfando-nos em seu chocante e complexo exotismo. Nesses raros lampejos, cenas familiares cintilam com injustificada originalidade e sentimos a estranheza primeva de simplesmente estarmos no mundo. Êsses momentos duram apenas um ou dois minutos, mas o nosso espírito se renova quando colocado face a face com a enormidade da criação física.

Mas é necessário tôda a espécie de truques mentais para atingir essa sensação de novidade. É preciso encarar o mundo de um ângulo todo especial para que êle nos revele seu segredo. O truque é semelhante ao do jardineiro que apura sua percepção das côres olhando ocasionalmente a paisagem de cabeça para baixo, por entre as pernas.

Um método é fazer uma viagem a uma cidade desconhecida. Qualquer cidade serve: o local pode ser sem graça como uma poça de água estagnada, sem uma única atração turística. Aliás, qualquer tipo de atração só serviria para atrapalhar o que estou descrevendo. O deslumbrante mistério da experiência resulta simplesmente do fato de o indivíduo deslocar-se da sua rotina de vida para um lugar que se encontrava ali muito antes de êle chegar e que igno-

JONATHAN MILLER é médico, escritor e diretor de peças de teatro e programas de televisão na Inglaterra e nos Estados Unidos.

rava sua existência. Nenhuma droga sôbre a face da Terra poderá provocar uma intensificação tão cataclísmica da consciência.

Experimentei essa sensação pela primeira vez uma tarde em Paris, há muitos anos. Quando saí da Gare du Nord para o dourado sol parisiense das cinco horas da tarde, fui dominado de repente, não pelo encanto gálico de tudo, mas simplesmente pela sensação de não-identidade civil. À minha volta, as pessoas caminhavam apressadas, tecendo uma invisível história de encontros e incidentes parisienses. Por outro lado, eu estava de pé nos degraus da estação sem um único fragmento do passado de Paris. Sentia-me tão em evidência como se não estivesse usando roupas. Livre do pêso das lembranças comuns, minha impressão era de que a austeridade parisiense não se aplicava ao meu corpo e de que, se desse um passo, flutuaria como uma bafurada de gás transparente.

Sòmente alguns anos depois vim a compreender que não era necessário ir ao estrangeiro para experimentar a sensação. Qualquer cidade serviria, desde que fôsse semelhante em tamanho à minha. Desde que fôsse grande, escura e ativa. Desde que tivesse multidões apressadas à hora do *rush* correndo para ônibus e metrôs tal como eu estaria fazendo se estivesse na minha Londres. A única característica que ela *não* poderia ter era a minha presença anterior. Pois contra aquêl simples pano de fundo de similaridade, a nossa ausência de pas-

sado e futuro ressalta em brilhante contraste.

Tudo isto é melhor que as drogas para a obtenção do seu efeito pela atividade desarmada do espírito. Não há que compartilhar os méritos com nenhum produto químico e, como a inteligência permanece intata, a nossa recordação do que aconteceu não se deteriora quando voltamos à normalidade. E, ao contrário das drogas, a dosagem tem efeito inverso: com a prática obtêm-se os mesmos resultados com viagens cada vez mais curtas, cada vez mais perto de casa. Agora posso experimentar essas sensações, simplesmente indo de uma parte da cidade a outra em horas não costumeiras ou chegando a locais familiares vindo de direções novas.

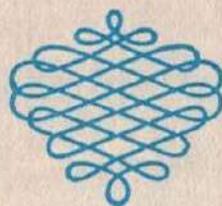
Às vêzes é possível experimentar uma alteração igualmente espantosa na consciência em uma abafada e silenciosa tarde de verão no campo. As três horas da tarde parecem eternas e aquela imobilidade causada pelo calor é como o limiar do Dia do Juízo. As árvores estão mergulhadas em suas próprias sombras, os pássaros cessam seu canto, a maquinaria dos insetos desliga-se. Tôda a criação transpira, em expectativa. Não se sabe o que virá a seguir. Mas isso não tem importância, pois a expectativa é tudo o que importa; o que vier só pode ser um anticlímax. As drogas não fariam mais que empanar a experiência, ou a reproduziriam de forma caótica, destruindo sua sagrada precisão.

O que desejo é um meio que me

ponha em contato constante com o fantástico mistério de “estar aqui” no mundo. Felizmente, o próprio mundo nos oferece estímulos que sacodem as nossas mentes nesse sentido. Nada como uma súbita ventania, por exemplo, para pôr o nosso espírito a funcionar em alta velocidade. Ou uma chuva torrencial e catastrófica. Ou uma tempestade de

neve, quando a cidade inteira parecer sofrido queimaduras graves, sendo depois envôlta em ataduras e condenada a um triste silêncio de enfêrmo.

O fato é que o mundo é uma milagrosa crisálida que se rompe ao calor da atenção. Não precisamos do concurso de drogas para provocar a metamorfose—basta a atenção.



Legendas de Caricaturas

MARIDO à espôsa, ao aparecer uma vizinha curvilínea: “Eu tinha horror ao inverno, mas, desde que inventaram essas calças de esqui elásticas, já não me importo tanto.”

—Bob Barnes, Register and Tribune Syndicate

NAS COMEMORAÇÕES da véspera do Ano Nôvo, magnata ao garçom que vai encher-lhe o copo: “Não, muito obrigado. Faço tôdas as minhas comemorações no fim do ano fiscal.”

—Weber, em *Look*

SENHORA, assistindo à televisão, ao companheiro: “Edwin, que aconteceu conosco? Você não conversa mais comigo durante os anúncios!”

—Censoni, em *Look*

PROFESSOR a aluno pequeno que está apresentando abaixo-assinado para assinatura: “Sinto muito, Tommy . . . não posso assinar um acôrdado para acabar com as provas.”

—Bernhardt, em *The National Observer*

INSTRUTOR de esqui a aluno: “A primeira coisa a ter em mente é que o corpo humano contém 206 ossos.”

—Hilton, em *Medical Tribune*

UM DIRETOR a outro, lendo notas na caixa de sugestões: “Aqui está uma grande idéia! É minha.”

—Shirvanian, em *Look*

FILHO ao pai: “A respeito da minha mesada, papai . . . ela já está abaixo da média nacional para adolescentes.”

—Lichty, Publishers Newspaper Syndicate

ESPÔSA ao marido, que está admirando a neve: “Estragaria o seu mundo encantado se abrisse um caminho através dêle com a pá?”

—Herbert Brammeier, em *The Christian Science Monitor*